

Fontes de Capital Social e a Educação para a Sustentabilidade: uma articulação promissora

Sources of Social Capital and the Education for the Sustentabilidade: a promising joint

Paola Schmitt Figueiró

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Brasil

Tania Nunes da Silva

Professora no Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Brasil

Artículo recibido: 16/07/13; evaluado: 22/01/14 - 11/04/14; aceptado: 16/06/14

Resumo

Afirmar que a sociedade está vivendo o despertar da consciência socioambiental é arriscado, mas o número de ações e pactos neste cenário mostra-se cada vez maior. Neste contexto, identifica-se a importância de projetos e ações que visem o engajamento e a conscientização socioambiental por parte dos jovens, para que atuem como multiplicadores. Assim, este estudo tem como objetivo identificar aspectos relevantes para a execução e sucesso de projetos e ações que visem o engajamento e conscientização socioambiental de jovens. Para tanto, analisou-se uma equipe de universitários, participante da gincana "Impacto Zero" promovida no Brasil, em 2011, pela SWU (*Starts With You*) e outros parceiros. Trata-se de um estudo de caso, a partir de observação participante e entrevistas em profundidade com integrantes da equipe: estudantes, professor coordenador e equipe de apoio. Os resultados apontam diversas fontes de Capital Social presentes na atividade proposta, como a identidade dos membros com o tema Sustentabilidade, a solidariedade por parte da comunidade em ajudar a equipe, os esforços por parte da organização, a formação de novas redes, além da interação e associação entre redes já existentes. Portanto, associar Capital Social e Educação para a Sustentabilidade pode representar uma base sólida para promover conscientização socioambiental.

Palavras-chave: Capital Social, Educação, Sustentabilidade, Conscientização, Engajamento.

Abstract

*To assert that society is living the awakening of environmental consciousness is risky, but the number of actions and agreements in this scenario is growing. In this context, we identify the importance of environmental awareness engagement projects and actions for young people, so they can act as multipliers. Thus, this study aims to identify relevant aspects for the implementation and success of environmental awareness and engagement projects and actions aimed for young people. To accomplish this, we analyzed a team of academic participants at "Zero Impact" gymkhana which was promoted in Brazil, in 2011, by SWU (*Starts With You*) and other partners. This is a case study, based on participant observation and interviews with team members: students, teacher coordinator and support staff. The main results showed several sources of Social Capital located in the proposed activity, such as the members' identity with the sustainability topic, the solidarity from the community members to help the team, the organization efforts, the formation of new networks, besides the interaction and association between existing networks. So, the connection between Social Capital and Education for Sustainability can enable a solid basis for promoting environmental awareness.*

Keywords: Social Capital, Education, Sustainability, Awareness, Engagement.

paolaadm@gmail.com; tnsilva@ea.ufrgs.br

Revista Iberoamericana de Educación / Revista Ibero-americana de Educação

ISSN: 1681-5653

n.º 66/1 – 15/09/2014

Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI-CAEU)

Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI-CAEU)

1. Introdução

Afirmar que a sociedade está vivendo o despertar da consciência socioambiental é arriscado, mas o número de ações e pactos neste cenário é cada vez maior. Ainda assim, há muito a ser feito para se alcançar a mudança de comportamento. Este desafio parece mais simples quando se trata de crianças, mais receptivas e naturalmente disseminadoras do seu aprendizado. No entanto, o desafio aumenta quando as iniciativas são voltadas para jovens e adolescentes, em geral resistentes à mudança. Então, como é possível promover um maior engajamento e conscientização destes jovens em prol da Sustentabilidade?

Este é um dos questionamentos que inspirou a Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014), sendo a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) responsável pela sua coordenação internacional. Sua ênfase é justamente no papel da educação na busca pelo Desenvolvimento Sustentável, cujo maior desafio é o de estimular mudanças de atitude e comportamento na sociedade. Neste contexto, identifica-se a importância de projetos e ações, estimuladas no ambiente educacional, que visem o engajamento e a conscientização socioambiental.

Mas isto implica algumas preocupações, tais como: qual é o real alcance e poder multiplicador destes projetos e ações? Quais são as condições necessárias para que se obtenham resultados positivos? Que atores devem estar envolvidos para que se atinja o objetivo esperado? Qual é a importância da comunidade, das redes sociais e do apoio institucional como facilitadores deste processo? Quais são as motivações que conduzem a um engajamento efetivo?

Segundo Hargreaves (2004), o ensino deve não somente desenvolver o capital intelectual dos alunos, mas também o Capital Social. Em outras palavras, a capacidade de estabelecer redes e relacionamentos, e contribuir, fazendo uso de recursos humanos da comunidade e da sociedade como um todo. Em contrapartida, o Capital Social dá suporte à aprendizagem, e seu desenvolvimento é essencial do ponto de vista educacional. Perante isto, vem à tona o papel do Capital Social como propulsor e como base de projetos e ações na área socioambiental.

Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo identificar aspectos relevantes para a execução e sucesso de projetos e ações que visem o engajamento e a conscientização socioambiental de jovens. Para tanto, realizou-se um estudo de caso junto a uma equipe de jovens universitários que participou da gincana "Impacto Zero", promovida nacionalmente pela SWU (*Starts With You*) e outros parceiros, em 2011 (<http://www.swu.com.br>, recuperado em 04, julho, 2011). Portanto, a abordagem da pesquisa é de natureza qualitativa, fazendo-se uso da observação participante e entrevistas em profundidade com os envolvidos na atividade. Com isto, buscou-se práticas e expressões do Capital Social e da Educação para a Sustentabilidade, permitindo interconexões entre estas abordagens ante o contexto de projetos e ações que visam a conscientização socioambiental. Neste caso, o Capital Social é tido como facilitador deste processo.

A primeira seção deste estudo apresenta a revisão da literatura sobre Capital Social e Educação para a Sustentabilidade. Na sequência são detalhados os procedimentos metodológicos, incluindo a

descrição do objeto de estudo. E, na última seção, são apresentadas as discussões dos resultados, seguidas das considerações finais.

2. Capital Social: definições, fontes e mensuração

As discussões acerca de Capital Social tiveram início em 1916, quando o conceito foi criado para explicar as redes de relações baseadas na cooperação que poderiam ser usadas para o bem estar da comunidade. Na década de 1980, após algumas mudanças, o tema foi discutido pelos sociólogos Pierre Bourdieu e James Coleman e também pelo economista Ekkehart Schlicht. E, a partir da década de 1990, recebem destaque os trabalhos de Robert Putnam e Francis Fukuyama (Araujo, 2003).

Segundo Chang, Tein e Lee (2010) não há consenso para a definição de Capital Social. No entanto, existe concordância acerca de alguns elementos fundamentais, tais como as redes de relações sociais, os estoques de relações, os níveis de confiança interpessoal e institucional, além da participação cidadã, da cultura política e da convivência. De acordo com Coleman (1988), o Capital Social é definido pela sua função, tratando-se de uma variedade de diferentes entidades (*entity*), com dois elementos em comum: todas constituem alguma forma de estruturas sociais; e facilitam ações de atores que se encontram dentro destas estruturas.

Além disso, assim como outras formas de capital, o Capital Social é produtivo, tornando possível o alcance de certos objetivos que não seriam possíveis na sua ausência. Ocorre por meio de mudanças nas relações entre pessoas que facilitam a ação (Coleman, 1988). Assim, o termo relações é chave, refletindo a elevada intangibilidade deste conceito. Sen e Kliksberg (como citado em Santos *et al.*, 2011) ressaltam quatro componentes na definição de Capital Social: a influência da confiança nas relações entre as pessoas; a capacidade de se associar em cooperação; a consciência cívica; e os valores éticos. O Quadro 1 traz algumas das principais definições para o termo, bem como as variáveis e benefícios de cada abordagem.

Quadro 1
Principais definições para Capital Social.

Autores	Definições	Variáveis	Benefícios
Pierre Bourdieu (1980)	Conjunto de recursos reais ou potenciais, resultantes do fato de pertencer, há muito tempo ou de modo mais ou menos institucionalizado, a redes de relações de conhecimento e reconhecimento mútuos.	A durabilidade e o tamanho da rede de relações. As conexões que a rede pode efetivamente mobilizar.	Indivíduos e para a classe social a que pertencem os indivíduos beneficiados.
James Coleman (1990)	O Capital Social é definido pela sua função. Não é uma única entidade (<i>entity</i>), mas uma variedade destas, tendo duas características em comum: elas são uma forma de estrutura social e facilitam algumas ações dos indivíduos que se encontram dentro desta estrutura social.	Sistemas de apoio familiar. Organizações horizontais e verticais.	Resultam da simpatia de uma pessoa ou de um grupo social e do sentido de obrigação com relação a outra pessoa ou a um grupo social.
Robert Putnam (1995)	Refere-se a aspectos da organização social, tais como redes, normas e confiança, que facilitam a coordenação e a cooperação para benefício mútuo.	Intensidade da vida associativa, [...], relevância do voluntariado.	Indivíduos e coletivos.
Mark Granovetter (1973)	As ações econômicas dos agentes estão inseridas em redes de relações sociais (<i>embeddedness</i>). As redes sociais são potencialmente criadoras de Capital Social, podendo contribuir na redução de comportamentos oportunistas e na promoção da confiança mútua entre os agentes econômicos.	Duração das relações. Intimidade. Intensidade emocional. Serviços recíprocos prestados.	O Capital Social seria um bem público e um bem privado ao mesmo tempo.
John Durston (2003)	Corresponde ao conteúdo de certas relações sociais – aquelas que combinam atitudes de confiança com condutas de reciprocidade e cooperação – que proporciona maiores benefícios àqueles que o possuem.	Confiança. Reciprocidade. Cooperação.	De individual a social.
David Robison (2002)	Conjunto de recursos acessíveis a indivíduos ou grupos, enquanto são de uma rede de conhecimento mútuo. Esta rede é uma estrutura social e tem aspectos (relações, normas e confiança) que ajudam a desenvolver a coordenação e a cooperação e a produzir benefícios comuns.	Relações de confiança. Oportunidades de interação e lugares de encontro. Obrigações recíprocas. Acesso ao conhecimento.	Benefícios comuns (que satisfaçam, ao mesmo tempo, o indivíduo e a coletividade, por meio da negociação).

Fonte: adaptado de Milani (2003)

De forma análoga, pode-se dizer que, assim como uma ferramenta (capital físico) ou uma determinada formação (capital humano) podem aumentar a produtividade, a realização de contatos sociais pode interferir na produtividade individual ou coletiva. Portanto, o Capital Social não deve ser “confundido” com o capital humano, nem com infraestrutura. Trata-se das normas, valores, instituições e relacionamentos compartilhados que permitem a cooperação dentro ou entre os diferentes grupos sociais. Sendo que “a construção de redes sociais e a consequente aquisição de Capital Social estão condicionadas por fatores culturais, políticos e sociais” (Marteleto e Silva, 2004, p.44).

Milani (2003) menciona que a literatura acerca do Capital Social aponta que as variáveis econômicas não são suficientes para produzir desenvolvimento socialmente justo e ambientalmente sustentável; sendo as instituições e o sistema social elementos-chave na resolução destes problemas. Seriam os ‘benefícios’ presentes na definição trazida por Portes (1998): “o Capital Social representa a capacidade dos membros da rede para garantir benefícios em virtude da participação em redes sociais ou outras estruturas sociais”.

No presente estudo, Capital Social é caracterizado com uma disposição atitudinal individualmente identificável, ou como um atributo socioestrutural dependente do contexto, como redes de interação que

venham a facilitar ações coletivas no interior de um grupo (Reis, 2003). Para reforçar esta abordagem, de acordo com Milani (2003, p.20), o Capital Social refere-se à capacidade e à habilidade dos cidadãos de conectar-se, e as redes de relações propiciam fluxo e troca de informações, criando espaços onde a comunicação pode ter lugar, o que é função-chave para sistemas sociais ricos em Capital Social. “O sentimento de pertencer ao grupo (identidade de grupo) é fundamental na definição de Capital Social” (Milani, 2003, p.20).

Em outras palavras, envolve a capacidade coletiva de agir. Trata-se de redes e normas, valores e convicções comuns que facilitam a cooperação dentro de grupos e entre grupos sociais, agindo como um elemento facilitador da cooperação voluntária. Assim,

O Capital Social é um bem coletivo que garante o respeito de normas de confiança mútua e de compromisso cívico; ele depende diretamente das associações horizontais entre pessoas (redes associativas, redes sociais), das redes verticais entre pessoas e organizações [...], do ambiente social e político em que se situa a estrutura social [...] e, finalmente, do processo de construção e legitimação do conhecimento social [...] (Milani, 2003, p.27).

No entanto, mesmo havendo alguns parâmetros como confiança, cooperação e reciprocidade, a literatura indica a dificuldade em se mensurar o Capital Social, até mesmo em função da subjetividade de seus componentes. Ainda assim, Grootaert *et al.* (2003) apontam alguns indicadores de mensuração, como:

- Grupos e redes: leva em consideração a natureza e a extensão da participação em diversos tipos de organização social e redes informais, além das contribuições (dadas e recebidas) nestas relações;
- Confiança e solidariedade: considera a evolução destas relações;
- Ação coletiva e cooperação: analisa o trabalho em outras comunidades e consequências da não participação;
- Informação e comunicação: de que maneira a comunicação chega à comunidade, bem como o acesso a mesma;
- Coesão e inclusão social: identifica-se a natureza e o tamanho das diferenças sociais, que podem conduzir a conflitos. Leva em consideração a interação social;
- *Empowerment* e ação política: considera o sentimento de felicidade, a eficácia pessoal e a capacidade das pessoas de exercer influência em respostas políticas.

A identidade, a solidariedade, os esforços da organização e as redes interativas constituem algumas das fontes de Capital Social, associadas ao potencial para informação inerente às relações sociais, elemento que fornece a base para a ação (Coleman, 1988, p.104). Assim, as relações sociais que constituem uma forma de Capital Social podem prover informações que facilitam a ação.

Diante do exposto e partindo do pressuposto de que o Capital Social acumulado contribui para o sucesso de projetos e ações que visem o engajamento e conscientização socioambiental de jovens, esta breve revisão da literatura buscou apresentar alguns elementos-chave levados em consideração na análise dos resultados desta pesquisa.

3. Educação para a Sustentabilidade: o caminho?

Há questionamentos acerca do real impacto da educação [sócio]ambiental em aspectos formais da vida das pessoas (Palmer, 2003). Tal enfoque educacional realmente faz diferença para promover consciência socioambiental associada a mudanças de comportamento? Neste estudo, parte-se do pressuposto de que a educação é um componente fundamental para promover a mudança. Investiga-se aqui uma ação voltada à Educação para a Sustentabilidade sob a ótica do Capital Social e, portanto, das relações sociais e todos os elementos que compõem este conceito. Trata-se de uma espécie de facilitador do processo rumo à Sustentabilidade, contemplando mudanças permanentes. Neste estudo, a Sustentabilidade está vinculada à interação entre aspectos sociais, ambientais e econômicos.

Jacobi, Raufflet e Arruda (2011, p.24) apontam que “a reflexão sobre ‘sociedade de risco’ permite abordar a complexa temática das relações entre sociedade, meio ambiente e educação”, tendo em vista que a multiplicação dos riscos, em especial os ambientais e tecnológicos, é o elemento-chave para entender as características, os limites e as transformações da modernidade.

Pode-se dizer que o ápice da relação entre Educação e Sustentabilidade se dá quando as Nações Unidas proclamam a Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014), que apresenta como objetivo global “[...] integrar os valores inerentes ao Desenvolvimento Sustentável em todos os aspectos da aprendizagem com o intuito de fomentar mudanças de comportamento que permitam criar uma sociedade sustentável e mais justa para todos” (UNESCO, 2005).

Este objetivo global é traduzido em cinco objetivos específicos: (i) valorizar o papel fundamental que a educação e a aprendizagem desempenham na busca comum do desenvolvimento sustentável; (ii) facilitar os contatos, a criação de redes, o intercâmbio e a interação entre as partes envolvidas no programa Educação para o Desenvolvimento Sustentável; (iii) fornecer o espaço e as oportunidades para aperfeiçoar e promover o conceito de desenvolvimento sustentável e a transição a ele – por meio de todas as formas de aprendizagem e de sensibilização dos cidadãos; (iv) fomentar a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem no âmbito da educação para o desenvolvimento sustentável; e (v) desenvolver estratégias em todos os níveis, visando fortalecer a capacidade no que se refere à EDS (UNESCO, 2005).

Além disso, a EDS, de acordo com a UNESCO (2005), apresenta algumas características que refletem o contexto em questão: ser interdisciplinar e holística; visar a aquisição de valores; desenvolver o pensamento crítico e a capacidade de encontrar solução para os problemas; recorrer a multiplicidade de métodos; estimular o processo participativo de tomada de decisão; ser aplicável; e estar estreitamente relacionado com a vida local. Portanto, a promoção de eventos e projetos educacionais voltados para os jovens, visando a conscientização socioambiental vão ao encontro da EDS, ou seja, representam formas de “materializar” as características e os objetivos já descritos.

Neste contexto, o documento final da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, em seu capítulo 234, recomenda que as instituições de ensino adotem boas práticas de gestão ambiental em seus campi e junto às suas comunidades, contando com a ativa participação de estudantes, professores e parceiros locais, bem como, que sejam ministrados conteúdos sobre Desenvolvimento Sustentável como um componente transversal nas diversas disciplinas (UN, 2012). Um dos compromissos voluntários anunciados pelo Brasil durante a Conferência é que, a partir de 2013, a

Sustentabilidade deveria ser incluída no currículo acadêmico de todas as universidades brasileiras. Assim, houve o estabelecimento das diretrizes curriculares nacionais para a Educação Ambiental, em nível básico e superior, por meio da Resolução nº2, de 15 de Junho de 2012, do Conselho Nacional de Educação – CNE (DOU, 2012).

O enfoque nesta proposta não é diretamente a Educação Ambiental (EA), que aqui é tratada como sendo um dos eixos da Educação para a Sustentabilidade. Em contrapartida, na referida Resolução a Sustentabilidade é abordada, em alguns momentos, como um dos objetivos da EA. Para a UNESCO (2005 como citado em Freitas, 2005), “o desenvolvimento sustentável enquadra a educação ambiental, projetando-a num contexto mais amplo de fatores socioculturais e temáticas sociopolíticas como a equidade, a pobreza, a democracia e a qualidade de vida”. De acordo com Freitas (2005), uma boa parte da EA pode e deve ser reorientada numa perspectiva de Sustentabilidade, embora outra parte se possa manter com uma matriz mais centrada em dimensões ambientais mais restritas.

Outros projetos de ordem prática também merecem destaque, como a Declaração de *Talloires* que trata de um plano de ação com dez pontos para incorporar a Sustentabilidade e a instrução ambiental no ensino, pesquisa e extensão de faculdades e universidades. Trata da mudança curricular e foi assinada por mais de 350 presidentes e reitores em universidades de mais de 40 países (Jacobi, Raufflet, e Arruda, 2011, p.30).

Destacam-se também os Principles for Responsible Management Education (PRME) na área de Administração de Empresas, criado em 2007. A partir de seis princípios de ações voltados para o ensino da Administração procura-se estabelecer um processo de contínua melhoria entre instituições de ensino de gestão, a fim de desenvolver uma nova geração de líderes empresariais capazes de gerenciar os complexos desafios enfrentados pelas empresas e pela sociedade no Século 21. Atualmente há 446 instituições cadastradas no PRME, sendo 19 brasileiras (<http://www.unprme.org>, recuperado em 15, março, 2013).

De acordo com Freire (2007), a Educação para a Sustentabilidade implica uma nova orientação para a prática letiva, enfatizando situações de aprendizagem ativas, experienciais, colaborativas e dirigidas para a resolução de problemas a nível local, regional e global. Em outras palavras:

As práticas educativas ambientalmente sustentáveis apontam para propostas pedagógicas centradas na criticidade dos sujeitos, com vistas à mudança de comportamento e atitudes, ao desenvolvimento da organização social e da participação coletiva. Essa mudança paradigmática implica uma mudança de percepção e de valores, gerando um pensamento complexo, aberto às indeterminações, às mudanças, à diversidade, à possibilidade de construir e reconstruir, em um processo contínuo de novas leituras e interpretações, configurando novas possibilidades de ação (Jacobi, Raufflet, e Arruda, 2011, p.28).

O exposto evidencia a relação entre Capital Social e Educação para a Sustentabilidade, reforçada quando a UNESCO (2005, p.38) menciona que “[...] o elemento humano é fundamental – os direitos e responsabilidades, os papéis e relações pessoais, instituições, países, regiões e blocos sociopolíticos são essenciais para marcar o rumo do desenvolvimento sustentável”; e que “a eficácia da Década dependerá da força e da inclusão dos parceiros, das redes e das alianças que a Década será capaz de estabelecer entre os participantes em todos os níveis” (UNESCO, 2005, p.75).

Assim, a presença de elementos que compõem o Capital Social, em projetos e ações ligados à Sustentabilidade, pode atuar como facilitador e propulsor para o alcance dos objetivos de cada uma destas atividades, conforme será discutido nos resultados.

4. Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma investigação de natureza qualitativa, a partir de um estudo de caso cujo objeto de análise foi uma equipe de estudantes universitários, participantes da Gincana "Impacto Zero", promovida pela SWU (*Starts With You*), detalhada na próxima seção. As técnicas de coleta de dados envolveram entrevistas em profundidade e observação participante. A observação foi realizada durante um mês, incluindo os preparativos que antecederam as duas semanas de duração da gincana.

Foram realizadas oito entrevistas durante o mês de julho/2011, a partir de um roteiro previamente estruturado com base na literatura pesquisada e na proposta (projeto) do evento. Foram entrevistados participantes envolvidos direta e indiretamente na atividade, sendo seis alunos integrantes da equipe (incluindo o líder), um professor coordenador e uma funcionária da Instituição de Ensino (equipe de apoio). A análise foi realizada a partir do cruzamento entre a base teórica utilizada, o conteúdo das entrevistas e as informações e percepções obtidas durante a observação participante.

4.1 Impacto Zero: o evento e o projeto aprovado

O movimento SWU (*Starts With You*) promove no Brasil o SWU *Music & Arts Festival*, um evento cultural bastante conhecido entre os jovens e projetado em moldes sustentáveis, visando a conscientização socioambiental. No ano de 2011 foi promovida a "Gincana Impacto Zero", cuja primeira etapa envolveu a submissão de projetos de diversas universidades brasileiras que concorreriam a um prêmio em dinheiro (500mil reais), destinado à implementação do projeto vencedor. Esta iniciativa teve o apoio de duas emissoras de televisão, responsáveis pelo acompanhamento, divulgação e realização da última etapa: um *reality show* com 2 integrantes de cada equipe finalista (<http://www.swu.com.br>, recuperado em 04, julho, 2011).

O projeto da equipe universitária foco desta pesquisa, intitulado "Educação para a Sustentabilidade", foi aprovado como um dos 20 finalistas desta fase e teve como objetivo fazer com que adolescentes do ensino médio se sentissem motivados a saber mais sobre o tema Sustentabilidade. A ideia pressupunha a capacitação de professores a fim de aproximá-los de seus alunos, por meio da linguagem e ferramentas utilizadas em sala de aula.

Após esta etapa, a equipe formada por vinte estudantes universitários participou da 2ª fase da gincana, contando com a participação da comunidade. Neste momento, os estudantes recolheram resíduos recicláveis (lixo seco) junto a diversos locais, durante uma semana. A comunidade foi convidada a doar seu lixo seco para a equipe, sendo este envolvimento, bem como as lições resultantes desta ação os motivadores principais do presente estudo.

Esta atividade contou com o acompanhamento dos organizadores e a presença da mídia. Os estudantes foram responsáveis pelo carregamento de todo material recolhido, triagem e pesagem deste

material junto a uma Cooperativa de Catadores, que foi beneficiada com o recebimento de todo o resíduo coletado. A equipe não foi classificada para a fase final, mas, o aprendizado valeu como exemplo de que as relações sociais, a cooperação, o compartilhamento de valores, o espírito colaborativo, a participação cidadã, entre outros, podem figurar como grandes propulsores da conscientização socioambiental, conforme será discutido nos resultados.

5. Análise e discussão dos resultados

A ideia central do Capital Social é a de que as redes sociais têm valor, ou seja, destaca a importância das relações sociais e o papel da cooperação e da confiança na obtenção de resultados. São valores e normas compartilhadas por membros de um grupo, que permite a cooperação mútua, além de estabelecer uma base sólida de confiança. No que tange à Educação para a Sustentabilidade, o papel da cooperação e das relações sociais entre os diversos atores também recebe destaque. Diante disso, percebe-se a importância da interação entre a Universidade, alunos, direção e professores; a comunidade em geral; a mídia; o governo, para que a Educação para a Sustentabilidade deixe de ser apenas prescritiva e efetivamente aconteça, fazendo uso do Capital Social disponível.

Neste cenário, atividades práticas que reforcem a ligação entre estudantes, sua Instituição de Ensino e a comunidade refletem a importância do Capital Social para promover a conscientização socioambiental. Para reforçar o exposto:

A aquisição de conhecimentos, valores, e competências que permitam aos cidadãos empenhar-se na construção de um futuro sustentável exige o incremento da educação comunitária não formal e informal, veiculada por diferentes instituições, sob diferentes formas e em diferentes contextos, sempre mediada pelo incremento da participação pública na vida da comunidade (Freitas, 2005, p.1483).

Nesta pesquisa, um dos conceitos de Capital Social mais adequado é aquele que o caracteriza com uma disposição atitudinal individualmente identificável, ou como um atributo socioestrutural dependente do contexto, como redes de interação que venham a facilitar ações coletivas no interior de um grupo (Reis, 2003). Trata-se de normas, valores, instituições e relacionamentos compartilhados que permitem a cooperação dentro ou entre os diferentes grupos sociais. Mas como fazer uso do Capital Social para promover a conscientização socioambiental?

Os resultados apontam diversas fontes de Capital Social, presentes no evento promovido pelo SWU, e na atividade proposta (gincana), como a identidade dos membros com o tema Sustentabilidade, a solidariedade por parte da comunidade em ajudar a equipe, os esforços por parte da organização, a formação de novas redes, além da interação e associação entre redes já existentes. Tais características provêm subsídios para informar, engajar e promover o envolvimento e a conscientização. Portanto, o Capital Social age como um facilitador de ações, com as relações sociais interferindo na produtividade individual ou coletiva, proporcionando benefícios aos envolvidos.

Portanto, quanto mais expressivo for o estoque de Capital Social, maior será a possibilidade de atingir os objetivos propostos. Assim, a seguir são discutidos pontos que pretendem expressar aspectos considerados importantes na execução e sucesso de projetos e ações que visem o engajamento e conscientização socioambiental, com base em parâmetros utilizados para mensurar Capital Social trazidos

por Grootaert *et al.* (2003): grupos e redes, confiança e solidariedade, ação coletiva e cooperação, informação e comunicação, coesão e inclusão social, *empowerment* e ação política.

5.1 As redes de relações e a Educação para a Sustentabilidade

Os desencadeamentos e a proporção atingida pela gincana inicialmente não estavam nos planos da equipe, tanto professores quanto alunos não esperavam um resultado de tamanho alcance, especialmente no que diz respeito ao aspecto educativo, de envolvimento, engajamento e conscientização. A seguir são expostos alguns desdobramentos a partir dos depoimentos e da vivência junto ao grupo.

5.1.1 O espírito do tralho em equipe: ação coletiva e cooperação

Um dos pontos que mais chamou a atenção foi o envolvimento e o engajamento dos componentes da equipe. Num primeiro momento, pôde-se perceber que a motivação inicial para fazer parte do grupo foi o ingresso que cada integrante ganharia para participar do Festival (*SWU Music & Arts Festival*), em Paulínia, SP. Soma-se a isto a chance de se tornarem pessoas públicas. No entanto, outros fatores também foram sendo percebidos como responsáveis pela continuidade da motivação e entusiasmo dos participantes.

Em seu depoimento, a líder da equipe enfatizou que "(...) nestas questões relacionadas com a Sustentabilidade, o engajamento da equipe como um todo é muito importante. Isso tem muito a ver com a Sustentabilidade, então, não basta fazermos sozinhos, precisamos de mais pessoas fazendo junto com a gente." O espírito de cooperação e colaboração parece estar intrínseco quando o assunto é Sustentabilidade, este foi um ponto muito presente nos discursos:

Num grupo um mais um não é igual a dois, é muito mais do que dois. (...) um dos resultados mais positivos foi ver que muitas pessoas se engajaram principalmente no dia da prova, estavam ajudando, felizes e motivadas. E outra coisa foi o aprendizado que a gente levou disso tudo, de como separar o lixo, o quanto as pessoas ainda não estão conscientes em relação a isso, o que pode ser um *gap* para tentar ver como melhorar isso na sociedade, fazer com que as pessoas tenham mais consciência (...).

Quando se trata do trabalho em equipe, é conveniente trazer a expressão 'comunidades de aprendizagem' que "se refere a um grupo de pessoas que divide as mesmas emoções, os mesmos valores e as mesmas crenças, e está ativamente engajado em aprender em conjunto e uns com os outros, por habitação" (Jacobi, Raufflet, e Arruda, 2011, p.42). Portanto, seria o caso de manter em ação o(s) grupo(s) participante(s) do evento, tornando-os atores de disseminação das práticas de Sustentabilidade, promovendo ações locais, internas e externas à Instituição de Ensino.

Outro ponto que merece destaque é a participação da comunidade. A líder da equipe menciona que a iniciativa de participar do evento se deu "por saber que havia pessoas com quem eu poderia contar, isso contribuiu bastante". Conforme relato do professor coordenador: "no início não tínhamos muita noção do que se iria conseguir e (...) conseguimos muitas coisas de graça, apoios. Isso que eu chamo da 'bola de neve' porque uma coisa vai contaminando a outra (...) mais gente vai se envolvendo (...)".

Pelas características da atividade proposta, pode-se inferir que o envolvimento da comunidade também é proporcional ao que a iniciativa representa para ela. Segundo um dos entrevistados, "a comunidade estava doando 'lixo' pra nos ajudar, pra nos ajudar a ganhar um prêmio, mas não estava se dando conta do que aquilo representava efetivamente (...)". A intenção de colaborar por si só é válida, mas

fica como alerta a necessidade de informar e mostrar os benefícios, as consequências da ação, para assim, também ter a possibilidade de promover a conscientização de pessoas que não estão envolvidas diretamente no projeto.

5.1.2 O desafio: a prática e a solidariedade

Os resultados apontam que as lições foram muitas e permitem inferir que, para os envolvidos, a ação cumpriu papel educativo e promoveu conscientização, se aproximando da proposta de Wenger (como citado em Jacobi, Raufflet, e Arruda, 2011, p.43), que:

recomenda que se pense em formas criativas de engajar os estudantes em práticas significativas, providenciando meios para que possam criar comunidades de prática, ingressar nas que já existem e ampliar sua interação naquelas em que já participam, como ação estratégica para alargar o potencial de aprendizagem e de formação da identidade dos estudantes.

Tal recomendação também pôde ser identificada junto à maioria dos entrevistados, os quais percebem as atividades práticas como as que possuem maior capacidade de promover a conscientização. Houve consenso de que o fato de participar de uma tarefa que os fez *“colocar a mão na massa”* foi determinante para sua mudança de comportamento, daquele momento em diante. Mesmo os jovens que tiveram a premiação como motivação inicial para participar, ao final, ganharam em aprendizado, em mudança de paradigmas. E, como disse um dos entrevistados *“sem consciência sobre o problema, não há como pensarmos em mudança”*.

Um ponto bastante ressaltado foi o que sugere *“pensar atividades de aprendizagem que envolvam o desafio. (...) para envolver o jovem tem que ter o desafio, tem que ter algo interessante, que desperte nele o interesse e a curiosidade, se não tiver isso ele não se envolve”*. Trata-se de desafiar-los a partir de iniciativas criativas e capazes de promover envolvimento e alertar para a necessidade de mudança. Deste modo, o jovem pode mudar seus paradigmas de forma natural, sem sentirem-se pressionados.

Na atividade aqui discutida, o fato de os jovens terem participado da triagem dos materiais dentro de um galpão de reciclagem contribuiu para a mudança (natural) de percepção sobre a importância da separação correta e das consequências desta ação para os envolvidos neste trabalho. Além disso, uma das entrevistadas destacou a importância de se ter consciência de que o *“trabalho todo não foi em vão. (...) Quanto tu percebes que a ação tem um destino mais concreto [a cooperativa de catadores], um resultado mais palpável (...)”* o envolvimento passa a ser maior.

5.1.3 A instituição, a mídia e as redes sociais: informação e comunicação

Outro elemento essencial mencionado pelos entrevistados foi a participação da Instituição de Ensino, tanto em ceder sua estrutura física quanto o envolvimento e apoio dos funcionários. Assim, tais instituições *“podem ser transformadas em espaços de vivência ativa e cooperativa de experiências de Sustentabilidade”* (Freitas, 2005). Estes atores, além de dar credibilidade aos projetos e ações, são pontes para a obtenção de outros apoios.

Segundo um dos membros da equipe quando uma Universidade reconhecida está envolvida, acaba validando o próprio projeto. E, segundo a funcionária da Instituição, *“ela [a instituição] vai se envolver quando perceber que tem envolvimento do grupo, quando tem interesse do grupo, senão não vai colocar o*

seu nome em jogo, sua imagem, se não sentir o comprometimento". Outro aspecto relevante para o sucesso de ações como esta é a atuação da mídia. Segundo a UNESCO (2005, p.70):

A mídia e as agências de propaganda são atores-chave na promoção da sensibilização e apropriação dos cidadãos em geral, sem os quais a Educação para o Desenvolvimento Sustentável permaneceria como uma preocupação de uns poucos entusiastas e ficaria confinada entre as paredes das instituições educacionais.

Os entrevistados concordam que a participação da mídia como copatrocinadora do evento estimula e viabiliza a proposta. Além disso, *"(...) não adianta ter um bom projeto e não atingir as pessoas certas, que não estejam dispostas a participar"*. No entanto, é de suma importância ter cuidado para não tratar a Sustentabilidade como um 'modismo', e sim fazer uso de um evento deste porte como uma ação de longo prazo, como a realização de um documentário educativo, por exemplo. Além disto, a mídia tem o poder de criar conexões com pessoas de outros projetos. *"Aproxima pessoas que trabalham com um mesmo objetivo"*.

Outro aspecto questionado foi a respeito das redes sociais e seu papel como multiplicador, especialmente entre os jovens. A maior parte dos participantes percebe as redes sociais como um *"grande meio de comunicação, porque as pessoas estão conectadas o tempo inteiro nas redes e essas coisas funcionam (...) as pessoas que tem certa consciência e vêem essas ações relacionadas à área ambiental querem ajudar de alguma maneira"*. No entanto, a opinião de uma das entrevistadas é de que o papel das redes sociais é:

[...] super interessante, mas fica mais no superficial [...] a rede social foi utilizada mais para disseminar e engajar o pessoal, para isso foi muito bom, como comunicação. Mas, pra disseminação de conscientização acho que não. Até pode ser ferramenta pra isso, mas não da forma como foi utilizada. Acho que as redes sociais ainda estão nesse estágio, muito mais de falar do que de refletir.

Percebe-se, assim, a importância da realização de um trabalho prévio tanto da mídia como das redes sociais, a fim de mostrar o porquê da ação, quais as consequências positivas da participação. No caso analisado, por exemplo, a doação do material à cooperativa de catadores e a implementação do projeto "Educação para a Sustentabilidade" seriam os pontos centrais.

5.1.4 Os resultados em síntese: Capital Social como inspiração

Com base na discussão exposta, o Quadro 2 apresenta uma síntese dos principais resultados obtidos. Como se trata de um caso isolado, não é possível a generalização. No entanto, as evidências demonstram o quanto ações deste tipo podem ser representativas ao fazer um uso adequado do Capital Social disponível, em prol da Sustentabilidade.

Quadro 2
Síntese dos principais resultados

Elementos	Resultados
Motivações para participar	<ul style="list-style-type: none"> - Possibilidade de promover conscientização - O desafio (mais do que a premiação em si) - A temática Sustentabilidade - Possibilidade de aplicar o projeto selecionado - Por ser uma “experiência diferente”
Atores envolvidos	<ul style="list-style-type: none"> - Apoio Institucional – estrutura e pessoas - Coordenadores/líderes que conheçam o tema - Mídia - Poder público
Fatores de sucesso	<ul style="list-style-type: none"> - Entusiasmo e engajamento dos participantes (trabalho em equipe) - Redes sociais como meio de divulgação e informação - Atividade prática e com destino concreto (Associação de Catadores) - Envolvimento da comunidade e formação de parcerias - Aproximação entre Universidade e comunidade - O papel do coletivo - Desafiar o jovem
Lições	<ul style="list-style-type: none"> - Mudança de paradigma em relação ao lixo - Importância de uma atividade prática, de “vivência” - Mais do que a vitória, o aprendizado em si - Possibilidade de atuar como disseminador deste aprendizado - Chance de aproximar pessoas que trabalham com um mesmo objetivo - Capacidade de envolvimento e disposição das pessoas

Percebe-se que a maior parte dos resultados vai ao encontro do Capital Social quando este é tido como um conjunto de recursos acessíveis a indivíduos ou grupos, integrantes de uma rede de conhecimento mútuo. Esta rede consiste numa estrutura social e tem aspectos, como relações, normas e confiança que ajudam a desenvolver a coordenação e a cooperação e a produzir benefícios comuns (Robinson como citado em Milani, 2003). Além disso, os indicadores propostos por Grootaert *et al.* (2003) também se mostram claramente presentes, exceto o último (*empowerment* e ação política), mas que não deixam de estar manifestados, uma vez que esta ação pode gerar futuras manifestações e resultados de ordem política.

6. Considerações Finais

A presente pesquisa evidenciou práticas que devem se tornar permanentes no campo educacional, promovendo um processo de mudança e conscientização constantes, não somente entre os jovens, mas na sociedade como um todo, tanto em âmbito formal quanto informal. Além disso, é urgente evoluir da Educação para a Sustentabilidade assentada em bases apenas prescritivas, e incentivar e promover formas de pensar a Sustentabilidade na prática, de forma colaborativa, bem como, com um maior alcance e poder multiplicador de tais ações. Para isso, integrar pessoas dispostas, com interesses convergentes e que acreditam no papel da Educação é fundamental. É neste contexto que há espaço para a inserção do Capital Social como propulsor da conscientização socioambiental.

Um projeto como o analisado tem o poder de promover relações e redes sociais, compostas por pessoas com interesses comuns. Assim, é possível interligar a Educação para a Sustentabilidade e o Capital Social em nome da conscientização socioambiental. Associar atores como uma instituição de ensino, a mídia e uma organização ligada a jovens, além de uma causa “simpática”, como a Sustentabilidade, foram considerados elementos essenciais para o sucesso do evento.

No entanto, ações como esta são “importantes enquanto divulgam a troca de ideias, estimulando o debate, mas são irrelevantes caso se restrinjam a isto”, de acordo com o professor coordenador. Deve haver preocupação com o longo prazo e não apenas com o imediatismo da ideia. Aproximar os participantes da realidade pela qual estão trabalhando, neste caso a associação de catadores, mostrou-se uma boa forma de mostrar as consequências de ações como a separação incorreta do lixo, por exemplo.

Conforme discutido, a ideia central do Capital Social é a de que as redes sociais têm valor, tal conceito destaca a importância das relações sociais e o papel da cooperação e da confiança. Diante disto, os resultados apontaram diversas fontes de Capital Social presentes na atividade proposta, como a identidade dos membros com o tema Sustentabilidade, a solidariedade por parte da comunidade, os esforços da organização, a formação de novas redes, além da interação e associação entre redes já existentes. Tais características provêm subsídios para informar, engajar e promover a conscientização.

Portanto, o Capital Social pode agir como um facilitador de ações visando promover a conscientização socioambiental. São justamente as relações sociais interferindo na produtividade individual ou coletiva, proporcionando benefícios aos envolvidos. E, uma das constatações mais evidentes que demonstra a importância de promover projetos como este, foi o comentário de um dos entrevistados sobre sua participação e sua percepção sobre a atividade: “vai ser uma lição que vou levar pra vida toda”.

Como principal limitação desta pesquisa está o seu enfoque em apenas um evento, com um grupo reduzido de entrevistados. Sugere-se a investigação em outros locais e até mesmo em outros países, em diferentes eventos com a temática Sustentabilidade, ligados à sensibilização e mudança de comportamento. Outra sugestão é explorar outros pontos convergentes entre Capital Social e Sustentabilidade.

Referências

- Araujo, M. C. S. (2003). *Capital Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Chang, S.-C., Tein, S.-W., e Lee, H.-M. (2010). Social capital, creativity, and new product advantage: an empirical study. *International Journal of Electronic Business Management*, 8(1), 43-55.
- Coleman, J. S. (1988). Social Capital in the Creation of Human Capital. *The American Journal of Sociology*. Supplement: Organizations and Institutions: Sociological and Economic Approaches to the Analysis of Social Structure, 94, S95-S120.
- DOU. Diário Oficial da União. Conselho Nacional de Educação, 18 Jun 2012. Resolução nº2 de 15 de Junho de 2012. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.
- Freire, A. M. (2007). Educação para a Sustentabilidade: Implicações para o Currículo Escolar e para a Formação de Professores. *Pesquisa em Educação Ambiental*, 2(1), 141-154.
- Freitas, M. (2005). Educação para o Desenvolvimento Sustentável: sugestões para a sua implementação no âmbito da década das Nações Unidas. Actas do VIII Congresso Galaico Português de ..., - educacion.udc.es.
- Grootaert, C. et al. (2003). Questionário integrado para medir Capital Social (QI – MCS). Banco Mundial. Grupo Temático sobre Capital Social. Recuperado em 15 Janeiro, 2012, de <http://www.contentdigital.com.br>
- Hargreaves, A. (2004). *O ensino na sociedade do conhecimento: educação na era da insegurança*. Porto Alegre: Artmed.
- Hopkins, C., e Mckeown R. (2002). *Education for sustainable development: an international perspective*. In Tilbury, D. et al. (Ed.) *Education and sustainability: responding to the global challenge*. Switzerland: CEC/ IUCN, 13-24.
- Jacobi, P. R., Raufflet, E., e Arruda, M. P. de (2011). Educação para a Sustentabilidade nos Cursos de Administração: reflexão sobre paradigmas e práticas. *RAM, Revista de Administração Mackenzie*, 12(3), Ed. Especial, São Paulo, SP.

- Marteleteo, R. M., e Silva, A. B. de O. (2004). Redes e Capital Social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. *Revista Ciência da Informação*, Brasília, 33(3), 41-49.
- Milani, C. (2003, outubro). Teorias do Capital Social e Desenvolvimento Local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil). *IV Conferência Regional ISTR-LAC*, San José, Costa Rica.
- Nahapiet, J., e Ghoshal, S. (1998). Social capital, intellectual capital, and the organization advantage. *Academy of Management Review*, 23, 242-266.
- Palmer, J. A. (2003). *Environmental education in the 21st century: theory, practice, progress and promise*. Ed: Taylor e Francis e-Library.
- Portes, A. (1998). Social Capital: Its Origins and Applications in Modern Sociology. *Annual Review of Sociology*, 24.
- Reis, B. P. W. (2003). Capital Social e Confiança: questões de teoria e método. *Revista Sociologia Política*, 21, 35-49.
- Robinson, D. (org.) (2002). *Building Social Capital*. Wellington (Nova Zelândia): Institute of Policy Studies, 85p.
- Santos, S., Santos, E., Ennes, C., e Pedde, V. (2011). Políticas Públicas e Capital Social em duas cidades latino-americanas. *Revista Debates*, Porto Alegre, 5(1), 25-45.
- Sen, A., e Kliksberg, B. (2007). *Primerio la Gente*. Barcelona: Ediciones Deusto.
- UN. The Future We Want. Rio de Janeiro, Jun. 19th 2012. Recuperado em 21 Junho, 2012, <http://www.uncsd2012.org/content/documents/727The%20Future%20We%20Want%2019%20June%201230pm.pdf>
- UNESCO. Década da Educação das Nações Unidas para um Desenvolvimento Sustentável, 2005-2014: documento final do esquema internacional de implementação. Brasília: UNESCO, 2005, 120p.